

Ventos do apocalipse e a sua relação com o Ecofeminismo / *Ventos do apocalipse and the relationship with Ecofeminism*

Clara Mayara de Almeida Vasconcelos*

Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI, na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

 <https://orcid.org/0000-0001-7282-7814>

Rafael Francisco Braz**

Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPsi, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN –; e Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Especialista em Língua Portuguesa – UEPB e Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

 <https://orcid.org/0000-0001-6155-6182>

Recebido em: 30 jun. 2021. **Aprovado** em: 24 jul. 2021.

Como citar este artigo:

VASCONCELOS, Clara Mayara de Almeida. BRAZ, Rafael Francisco. Ventos do apocalipse e a relação com Ecofeminismo. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 10-29, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8401280>

RESUMO

Pensar a literatura ganha novas conotações quando entram em cena os estudos eco-ambientais, que, por meio de uma ecomimese, conferem um caráter prosopopéico ao meio ambiente físico e aos indivíduos outremizados pela animalização que o homem lhes confere. Desse modo, partindo da relação entre a literatura e o meio natural, este trabalho objetivou refletir acerca do lugar que a mulher ocupa no romance *Ventos do apocalipse* (1999), de Paulina Chiziane, por meio de uma perspectiva ecofeminista, a partir da realidade apocalíptica dos traumas e violências que se abatem sobre a figura da protagonista feminina da narrativa em questão. Assim, através de uma pesquisa de cunho qualitativo, documental e bibliográfico, utilizamos as considerações de Deegan e Podeschi (2001), Garrad (2006), Kuhnen (2017), Plumwood (1993) e Spivak (1985), para fundamentar a discussão e análise da narrativa *corpus* deste artigo. Como resultados alcançados, pudemos compreender como o feminino está associado ao meio natural, mediante a formação ideológica patriarcal, que subalterniza e outremiza a mulher na metáfora colonial, visto que, de forma dicotômica, hierárquica e desigual coloca em polos opostos o masculino e o feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Ecocrítica; Ecofeminismo; Apocalipse; Ciclo da Vida; Ventos do Apocalipse.

*

 claramay.vasconcelos@gmail.com

**

 rafaelbrazprof@gmail.com

ABSTRACT

Thinking about literature gains new connotations when eco-environmental studies come into play which, through an ecomimesis, confers a prosopopeic character to the physical environment and to individuals outsourced by the animalization that man gives them. Thus, starting from the relationship between literature and the natural environment, this work aims to reflect on the place that women occupy in the narrative through an ecofeminist perspective from the apocalyptic reality of traumas and violence that befall the figure of the novel's protagonist Ventos do apocalipse (1999), by Paulina Chiziane. Thus, through a qualitative, documentary and bibliographic research, we used Deegan's considerations; Podeschi (2001), Garrad (2006), Kuhnen (2017), Plumwood (1993) and Spivak (1985) to support the discussion and analysis of the narrative corpus of this article. As a result, we were able to understand how the feminine is associated with the natural environment through the patriarchal ideological formation that subordinates and outsources women in the colonial metaphor that, in a dichotomous, hierarchical and unequal way, places the masculine and the feminine in opposite poles.

KEYWORDS: Ecocriticism; Ecofeminism; Apocalipse; Life Cycle; Ventos do Apocalipse.

1 Introdução

Quando fazemos uma análise, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (Antonio Candido)

A literatura, conforme salienta Candido (2006), é diretamente afetada pelo meio social, o qual se configura como um “fermento orgânico” e que deve ser compreendido de forma elucidativa, não apenas demonstrativa. Sendo assim, é indissociável a relação entre literatura e sociedade.

Encontramos, nos estudos ecocríticos, as possibilidades de leitura dos textos literários e, em outros textos da cultura, a possibilidade de compreender como o meio ambiente físico, animais humanos, animais não-humanos e humanos animalizados estão interligados não só no meio natural, mas também no âmbito literário.

Desse modo, o ecofeminismo surge como uma ramificação do feminismo e da ecocrítica, abrangendo discussões acerca dos direitos da mulher, além de denunciar a sua outremização pela figura masculina, ao passo que compreende como o feminino e a natureza são colocados em paralelo. Para tanto, o ecofeminismo abre espaço para que se compreenda como a estrutura conceitual patriarcal oprime, explora, massacra e destrói o sujeito feminino, assim como o faz com a natureza.

A opressão da mulher, pela organização social falocêntrica, é sinônimo da degradação da vida animal e do meio natural, pois são formas de subalternização dos indivíduos outremizados, que vivem sob o signo da animalização. Um exemplo disso, relacionado à figura

feminina, pode ser observado pelo histórico silenciamento, desvozeamento e marginalização da mulher em sociedade. Destarte, dialogando com a literatura, verificamos em *Ventos do apocalipse* (1999) e na própria escritora Paulina Chiziane, os ecos prosopopéicos do ecofeminismo, pelos quais as vozes da natureza reverberam.

Considerada como a primeira romancista moçambicana do pós-guerra, Paulina Chiziane denuncia as violências sofridas pelas mulheres; as práticas de *lobolo* e as suas consequências para o feminino; as convenções sociais, que aprisionam o corpo feminino, entre tantos outros temas que surgem por meio da escrita feminina.

A partir disso, este trabalho busca compreender como o romance *Ventos do apocalipse* (1999) e o meio ambiente físico se conectam, seja de forma direta, seja por meio de construções metafóricas, que subjazem o elo feminino-natureza. Para tanto, analisamos o *corpus* deste trabalho, através de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. Logo, recorreremos às considerações de Deegan e Podeschi (2001), Garrad (2006), Kuhnen (2017), Plumwood (1993) e Spivak (1985), para fundamentar a discussão acerca da Ecocrítica e do Ecofeminismo, bem como da análise da obra.

Sendo assim, justificamos a relevância desta pesquisa, pela necessidade de compreendermos como o ciclo da vida, a necessidade de empatia e como a imagem dos ventos apocalípticos de desventuras, que sopram na vida de diversas mulheres, reverberam na relação mulher-natureza.

Além desta seção introdutória, este artigo está dividido em três unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, discutimos os enlaces entre a literatura e o meio ambiente. Logo após, destacam-se breves apontamentos da ecocrítica e a sua relação com a teoria pós-colonial, apontando o processo de Outremização.

Na terceira unidade, há o *corpus* de análise, para discussão e apontamentos, a partir do romance *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane, e a relação dessa narrativa com a ecocrítica. Por último, apresentamos algumas considerações acerca da análise deste estudo e as referências utilizadas.

2 Vendavais da pandemia da covid-19

Na cidade de Wuhan, província de Hubei, República Popular da China, em 31 de dezembro de 2019, foi notificada à Organização Mundial de Saúde, casos de um novo coronavírus: SARS-coV-2. No ano seguinte, em 12 de março de 2020, o SARS-coV-2 disseminou e foi declarado como um estado de pandemia, gerando um surto global de contaminação de forma rápida.

O agente transmissor, que pode levar desde à síndrome respiratória, até a um estado mais grave e/ou a morte, atingiu vários países de todo o planeta. O novo vírus, desconhecido pela medicina e pela biologia, recebeu o nome de COVID-19 ou SARS-coV-2, que segundo a OMS, é uma doença recente, totalmente infecciosa aos seres humanos e que não possui estudos e nem pesquisas científicas suficientes para a descoberta da cura.

No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro, sendo este o primeiro em toda a América Latina. Um caso importado da Itália, um homem de 60 anos e residente em São Paulo, que ao retornar de viagem, testou positivo para o novo coronavírus, e desde o primeiro caso notificado, os números da doença cresceram e alcançaram todos os estados do país e seus respectivos municípios.

A partir do o primeiro caso positivo em 26 de fevereiro de 2020, com pouco mais de um mês da referida data, o alastramento aconteceu de forma muito rápida, e até o dia 31 de março, os números da COVID-19, já contabilizavam 5.812 casos confirmados da doença, e 202 mortes pela gravidade do vírus. Os números a partir de outubro, contabilizam 50.078.292 casos da doença no mundo.

A partir do dia 12 de março de 2020, o surto global de SARS-CoV-2 foi declarado como uma pandemia, com 125.048 casos e 4.613 mortes, atingindo 117 países e territórios em todo o mundo. De acordo com Freitas, Donaliso e Napimogal (2020), não existe muita clareza sobre vários aspectos epidemiológicos da doença que se espalhou rapidamente pelo mundo, mas já se sabe uma forma de combatê-la: é testando em massa e isolando pelo menos 80% dos contaminados. (BARRETO E ROCHA, 2020, p. 2).

Devido ao aumento assustador da doença infecciosa, foram tomadas medidas de isolamento social, seguindo as recomendações da OMS – Organização Mundial de Saúde. As medidas foram a suspensão das aulas em todos os estados do país. De acordo com a portaria de número 343 do Ministério da Educação, de 17.3.2020 que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais pelas aulas remotas em meios digitais até enquanto durar a pandemia da COVID-19.

A modalidade de ensino à distância, tem enfrentado uma série de problemas, visto que, os avanços tecnológicos ainda não estejam ao alcance de todos, e não preenchem as lacunas deixadas pelo o ensino presencial. As escolas, não estão preparadas para esse novo método, pois em contrapartida, os alunos de baixa renda, sofrem por não terem acesso à internet, ou uma internet de qualidade para acompanharem as respectivas aulas.

Desse modo, os impactos na pandemia, ocasiona ainda mais a desigualdade entre as camadas sociais, pois essa é uma questão que acentua a diferença de classes, ou seja, as escolas das redes privadas de ensino, encontrarão soluções que assistam com recursos financeiros, já as da rede pública de ensino encontrarão dificuldades para auxiliar os alunos. Portanto, a rede pública sofrerá bem mais esses impactos.

Além destes desafios, a COVID-19 e sua rápida progressão trouxeram impactos psicológicos, devido ao excesso de informações, a sensação de solidão, por não está com a mesma rotina devido ao isolamento social, e com isso tem despertado crises de ansiedade e o desenvolvimento de traumas devido ao medo e a solidão. Dessa forma, os casos de depressão, e doenças da mente vem aumentando.

As consequências do isolamento social, também atingiu a economia mundial, devido ao fechamento de todas as atividades, ficando abertas somente as de cunho essencial, como farmácias e supermercados. Consequentemente muitas pessoas foram despedidas dos setores de trabalho, ficando sem empregos e tendo que encontrar outras soluções e com isso, o índice de desemprego e de pessoas necessitadas tem crescido a cada dia.

Ao relacionarmos a discussão acerca de epidemias com as da Ecocrítica, podemos observar como esta se constitui promissora, pois nos leva a pensar a relação do ser humano com o ambiente físico. Desse modo, o lugar da mulher em sociedade e a forma como ela está vinculada à terra atraem a atenção para as formas de subjugação da terra/mulher à figura do homem. Consoante a escritora Paulina Chiziane em uma entrevista, verificamos que:

Nas religiões bantu, todos os meios que produzem subsistência, riqueza e conforto como a água, a terra e o gado são deificados, sacralizados. A mulher, mãe da vida e força da produção da riqueza, é amaldiçoada. Quando uma grande desgraça recai sobre a comunidade sob a forma da seca, epidemias, guerra, as mulheres são severamente punidas e consideradas infractoras dos princípios religiosos da tribo pelas seguintes razões: são os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores de normas. Porque é o sangue podre das suas menstruações, dos seus abortos, dos nado-mortos que infertiliza a terra, polui os rios, afasta as nuvens e causa epidemias, atrai inimigos e todas as catástrofes. (CHIZIANE, 1992, p.12).

Conforme aponta Chiziane (1992) acima, notamos como a discussão acerca das crises causadas pela pandemia de Covid 19 nos permite repensar diversas questões relativas às vivências humanas, dentre as quais podemos destacar o lugar da mulher em sociedade. O feminino – historicamente duas vezes colonizado a partir da chegada do pensamento eurocentrado nas ex-colônias europeias – sofre com os infortúnios naturais e sociais. Na citação acima, verificamos como a figura da mulher é uma categoria inferior à dos animais nas religiões bantu, haja vista que “os meios que produzem subsistência [...] são deificados, sacralizados”. Todavia, quando uma intempérie atinge essas sociedades, as mulheres são consideradas as culpadas pelas desventuras, pois “são os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores de normas”.

Dessa maneira, o Ecofeminismo nos permite observar como ocorre a relação de outremização do feminino a partir da metáfora colonial existente entre a mulher e a colônia. Nesse paralelismo mulher-natureza, podemos destacar, em *Ventos do apocalipse*, como as questões de segurança e melhorias sanitárias estão diretamente relacionadas à figura masculina: “Nem as rezas nem as oferendas aos deuses conseguem segurar tamanha epidemia” (CHIZIANE, 1999, p. 229) e “A equipa de emergência está em acção. O enfermeiro está com os homens cuidando das questões do saneamento do meio ambiente por causa das epidemias” (CHIZIANE, 1999, p. 232).

Assim, é por meio das sensações, sentimentos e pensamentos da narradora que testemunhamos o que a própria autora da narrativa *corpus* deste artigo mencionou na entrevista supracitada. Desse modo, por meio de formações ideológicas e discursivas pautadas em preceitos androcêntricos, falocêntricos e patriarcais, é o corpo feminino que atrai todos os tipos de catástrofe para as sociedades às quais pertence. A narrativa de *Ventos do apocalipse* denuncia as violências sofridas por todos aqueles que vivem sob o signo do feminino – seja a própria mulher, a terra ou as (ex-)colônias – que é socialmente rebaixado, inferiorizado e subalternizado por quem exerce o poder hegemônico. O apocalipse ocorre, então, sob diversas foras: naturais, religiosas, sociais, econômicas e etc. em uma constante pandemia de desgraças na vida daquele povo representado pelo romance de Chiziane.

3 Ecocrítica: enlaces entre a literatura e o meio ambiente

“[...] a ecocrítica é o estudo das relações entre a literatura e o meio ambiente-físico. Assim como a crítica feminista analisa a língua e a literatura de um ponto de vista consciente de gênero, e a crítica marxista traz para as suas interpretações dos textos uma consciência dos modos de produção e classes econômicas, a ecocrítica promove uma abordagem dos estudos literários na Terra”¹ (Glotfelty e Fromm, tradução nossa)

Ao pensarmos nas representações feitas pela literatura sobre a sociedade, compreendemos que ela é diretamente afetada pelo âmbito social, como afirma Candido (2006) em seu livro *Literatura e sociedade*. Ao analisarmos uma obra literária, não devemos considerar os aspectos sociais e históricos como elementos que lhes são externos, pois estes são intrínsecos a sua construção.

Para tanto, a análise literária deve sopesar o aspecto social no nível explicativo, haja vista que “Assim, pode-se sair de uma análise sociológica periférica e sem fundamentos, não se limitando a uma referência à história sociologicamente orientada. Tudo faz parte de um ‘fermento orgânico’” (CANDIDO, 2006, p. 17).

Desse modo, cotejando o pensamento crítico de Antonio Candido ao de Glotfelty, compreendemos que a ecocrítica se constitui como uma forma de ler o texto literário e as relações que este possui com o meio ambiente, pois este é diretamente afetado pelas ações humanas.

A partir disso, o nível explicativo, que liga a literatura à sociedade, como um “fermento orgânico”, demonstra o caráter interdisciplinar, intermediático e intercultural que essa área do conhecimento possui, por meio das relações que os animais humanos estabelecem com o meio natural e com os animais não-humanos e humanos animalizados.

A ecocrítica se constitui como uma área do conhecimento relativamente nova, surgindo na década de 1970. Os temas, discursos e formações ideológicas que a constituem não são tão recentes assim, pois os estudos ecocríticos foram impulsionados nos Estados Unidos, por meio da *Association for the Study of Literature and Environment* – ASLE² em 1992, sendo a década de 1990 o período histórico-temporal em que os estudos acerca da relação entre a literatura e o

¹ *Put in simple terms, ecocriticism is the study of the relationship between literature and the physical environment. Just as feminist criticism examines language and literature from a conscious point of view of gender, and Marxist criticism brings to his interpretation of texts an awareness of modes of production and economic classes, ecocriticism takes an approach to literary studies centered on Earth.*

² Associação para o Estudo da Literatura e Meio Ambiente.

meio ambiente ganham mais fôlego; por sua vez, o desenvolvimento de estudos ecocríticos, no espaço brasileiro, ocorreu de forma tímida, pois, na esfera da crítica literária brasileira e no âmbito das discussões literárias, ela se caracteriza como um campo ainda recente de análise de textos literários.

A relação entre a literatura e o meio ambiente físico é a mola propulsora para o surgimento da ecocrítica como linha de investigação de pesquisa. Tendo a literatura como seu berço, os estudos ecocríticos não se limitam apenas à análise literária, estendendo as suas ramificações por outras searas da cultura.

Desse modo, o conceito de ecocrítica, que Gltofely e Fromm (1996) desenvolvem, sofre mudanças ao longo do tempo, à medida que a circunscrição dessa área de estudos se alarga para abarcar os textos de forma holística, sendo a cultura esse texto. Nesse sentido, como salienta Garrard (2006), em seu trabalho *Ecocrítica*, as reflexões ecocríticas se tornam, assim, uma forma de análise cultural política, de orientação ecoambientalista, em que “[...] os ecocríticos costumam vincular explicitamente suas análises culturais a um projeto moral e político ‘verde’” (GARRARD, 2006, p. 14).

2.1 Ecofeminismo e pós-colonialismo

“Vou me basear na filosofia e na história do Ocidente para argumentar que grande parte da crise de risco de vida que confronta o mundo na degradação do meio ambiente da Terra pode ser atribuída a elementos que negam a vida na cultura atualmente dominante, a cultura do Ocidente. A cultura ocidental historicamente colocou o humano acima e fora da esfera mais do que humana, a esfera da natureza, que ela representa como hiperseparada e inferior”³ (Plumwood, tradução nossa)

Os estudos ecocríticos foram desenvolvidos paralelamente aos pós-coloniais, fazendo surgir novas formas de lidar com as demandas sociais, as quais passaram a ser observadas sob uma perspectiva política. Seguindo o desenvolvimento das discussões ecoambientais e o alargamento do campo de discussão acerca da cultura, surge, na década de 1980, entre a segunda e a terceira onda feministas, o ecofeminismo.

Resultante da relação entre a mulher e o ambiente, em que se podia detectar à época o *boom* no crescimento demográfico e a subalternização feminina diante da figura masculina como

³ I will draw on Western philosophy and history to argue that much of the life-threatening crisis that confronts the world in the degradation of the earth’s environment can be traced to life-denying elements in the currently dominant culture, the culture of the West. Western culture historically has set the human above and outside the more-than-human sphere, the sphere of nature, which it represents as hyper-separate and lower.

um paralelismo com a degradação ambiental, o ecofeminismo abriu veredas, para que os efeitos e consequências do poder patriarcal fossem repensados, a partir da integração entre o feminino e a ecologia.

Desse modo, o ecofeminismo busca desnaturalizar a outremização, que tanto a mulher quanto o meio ambiente sofrem, devido às formações ideológicas e discursos androcêntricos, pois observamos que a destruição da natureza e a objetificação do feminino estão intrinsecamente ligados. Para reconhecemos o elo entre essas duas categorias, basta recorrermos à metáfora colonial, na qual de um lado está a metrópole masculina/forte e, do outro lado, a colônia feminina/fraca, sendo um argumento utilizado para a colonização.

Nesse sentido, cabe-nos refletir acerca do lugar que é permitido à mulher ocupar em sociedade. Histórica e socialmente colocada à margem da sociedade, coube à mulher cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e do seu esposo. Se recorrermos ao livro mais lido no mundo, por exemplo, encontraremos a figura feminina subalternizada e outremizada pelo poder patriarcal, seja a mulher que cumpre as obrigações que a sociedade requer, seja aquela que se mostra insubmissa, por fugir da conduta e decoro que a sociedade lhe impõe.

Para tanto, pensar a outremização, a partir da lente teórica de Spivak (1985), nos permite compreender como a objetificação do feminino se dá por meio de um processo dialético, que situa, de um lado, O Outro hegemônico e, no polo oposto, o outro subalternizado. Dito isso, Kuhnen (2017, p. 73) salienta que

Com base nessa forma de acessar o mundo, percebe-se que o mesmo sistema que oprime as mulheres, os negros e os pobres é responsável pela exploração da vida animal, pela degradação ambiental e pela progressiva eliminação de áreas ambientais naturais por meio do manejo humano. Por isso, se o feminismo congrega um conjunto de concepções unidas pelo reconhecimento da injustiça, inerente a sistemas de exploração e opressão, combatendo desigualdades de poder, decorrentes da ordenação patriarcal, que ainda prevalece no mundo hodierno, então, enquanto teoria e movimento social não poderia ignorar a destruição do meio ambiente e a exploração da vida de animais não humanos.

Observamos, nas considerações de Kuhnen, que a exploração social, desferida contra as mulheres e contra o meio ambiente, é resultante do controle patriarcal e androcêntrico, que subjuga e oprime as minorias, uma vez que as categorias que não se encaixam no padrão branco, ocidental, civilizado, cristão e heteronormativo são tratadas como inferiores à figura masculina e, por isso, passíveis de serem oprimidas, abusadas, espoliadas e controladas. Desse modo, o masculino situa, em polos opostos, O Outro humano e o outro não-humano/humano animalizado, além de hierarquizar as relações entre essas duas categorias.

Dessa forma, pensar a mulher em sociedade, é compreender que “as ecofeministas também examinam a relação entre a opressão social das mulheres e a exploração da natureza como duas faces do controle patriarcal”⁴ (DEEGAN; PODESCHI, 2001, p. 19). Assim, o ecofeminismo busca romper com a dualidade entre o humano e o não-humano, haja vista que a cooperação entre todos os indivíduos vivos se torna necessária para a manutenção da vida. Padrões hierarquizantes precisam ser desfeitos, denunciando a tendência masculina de explorar, oprimir e manipular, o que nos leva a repensar as nossas atitudes em relação à natureza, a qual está diretamente fundamentada nos preceitos patriarcais.

O ecofeminismo – enquanto perspectiva de ler não apenas os textos literários, mas também os demais textos veiculados socialmente – denuncia as formas que amparam as relações de opressão, buscando a libertação dos subalternizados e não se restringindo apenas ao feminino ou ao animal considerado feminino, pois, se recorrermos ao passado colonial, poderemos verificar como as mulheres, particularmente as negras, foram inferiorizadas e animalizadas, como consequência do empreendimento colonial.

Muitas sociedades autóctones do continente africano, a exemplo da Nigéria, possuem a sua organização pautada em preceitos matriarcais. Contudo, com a chegada do branco, essas formas de organização e de pensar o lugar da mulher foram desconstruídas em favor da figura masculina. A formação ideológica e discursiva europeia, de característica judaico-cristã, pautada em preceitos falocêntricos, androcêntricos e patriarcais, foi imposta sobre as populações indígenas das ex-colônias. Esse fato provocou a dupla colonização feminina, pois a mulher negra passa a ser oprimida, subjugada, subalternizada e outremizada não apenas pelo branco, mas também pelos homens de seu próprio povo.

O pensamento patriarcal europeu, imposto a essas sociedades, promoveu a “exacerbação [...] da disparidade psicológica e social entre o masculino e o feminino, que coloca o homem num sistema de valor e competição e a mulher numa posição de passividade” (GUATTARI, 1994, p.22). A exacerbação da disparidade entre o masculino e o feminino, consoante Guattari (1994), institucionaliza e naturaliza os diversos tipos de violência e injustiça contra tudo aquilo que é considerado feminino ou inferior à figura masculina: seja esse feminino a mulher, enquanto ser humano ou humano animalizado, o meio natural e/ou outras minorias.

Observamos que o pensamento ocidental se constitui como abissal, ao colocar em polos opostos o civilizado e o não civilizado, o branco e o negro, o masculino e o feminino, entre

⁴ Ecofeminists also examine the relationship between women's social oppression and nature's exploitation as two faces of patriarchal control (DEEGAN; PODESCHI, 2001, p. 19).

outros, constituindo-se, assim, de forma dicotômica e excludente. Para Plumwood (1993, p. 45), a partir de considerações de Lloyd (1984), propõe diversas relações dicotômicas e hierárquicas:

Por exemplo, o postulado de que todos e apenas os humanos possuem cultura mapeia o par cultura / natureza no par humano / natureza; o postulado de que a esfera da razão é masculina mapeia o par razão / corpo para o par masculino / feminino; e a suposição de que a esfera do humano coincide com a do intelecto ou mentalidade mapeia o par mente / corpo para o par humano / natureza e, via transitividade, o par humano / natureza para o par masculino / feminino. No caso do público / privado, o postulado de ligação conecta a esfera do público com a razão por meio das qualidades de liberdade, universalidade e racionalidade que são supostamente constitutivas da masculinidade e da esfera pública, e conecta a esfera do privado com a natureza por meio das qualidades de cotidiano, necessidade, particularidade e emocionalidade supostamente exemplificados e constitutivos da feminilidade e da esfera privada (Lloyd 1984: 74-85). O contraste civilizado / primitivo mapeia todos os contrastes humano / animal, mente / corpo, razão / natureza, liberdade / necessidade e sujeito / objeto⁵ (PLUMWOOD, 1993, p. 45, tradução nossa).

Nesse sentido, o feminino é docilizado a partir de regras, valores, normas, verdades e discursos que aprisionam, violentam, massacram e produzem subjetividades a partir de um método dicotômico que produz o masculino e exclui o feminino. Desse modo, o feminino é desvozeado, e esse silenciamento reverbera o seu eco por meio da denúncia à estrutura patriarcal, que encontra no ecofeminismo, entre outras teorias e metodologias, espaço para problematizar a relação corpo, feminino, espaço e o meio ambiente físico, além de denunciar a exploração cometida contra os indivíduos e espaços outremizados.

4 Ventos apocalípticos de mudança: uma leitura ecofeminista

Ao afirmar que o sexo é político, pois contém também ele relações de poder, o feminismo rompe com os modelos políticos tradicionais, que atribuem uma neutralidade ao espaço individual e que definem como política unicamente a esfera pública, “objetiva”. Desta forma, o discurso feminista, ao apontar para o caráter também subjetivo da opressão, e para os aspectos emocionais da consciência,

⁵ For example, the postulate that all and only humans possess culture maps the culture/nature pair on to the human/nature pair; the postulate that the sphere of reason is masculine maps the reason/body pair on to the male/female pair; and the assumption that the sphere of the human coincides with that of intellect or mentality maps the mind/body pair on to the human/nature pair, and, via transitivity, the human/nature pair on to the male/female pair. In the case of public/private, the linking postulate connects the sphere of the public with reason via the qualities of freedom, universality and rationality which are supposedly constitutive of masculinity and the public sphere, and connects that of the private with nature via the qualities of dailiness, necessity, particularity and emotionality supposedly exemplified in and constitutive of femininity and the private sphere (Lloyd 1984:74–85). The civilised/primitive contrast maps all the human/animal, mind/body, reason/nature, freedom/ necessity and subject/object contrasts.

revela os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública (Branca Moreira Alves e Jaqueline Pitanguy)

O romance *Ventos do apocalipse* (1999) é o segundo texto ficcional de Paulina Chiziane. Nesta obra ficcional, a autora recria, a partir do imaginário poético, o cenário de guerra dos povos de Mananga e Macuácuá, que são tocados pelos sentimentos de violência, fome e morte, mas, por outro lado, carregam a coragem dentro de si e um fio de esperança por dias de paz.

A narrativa é construída pela tradição da língua oral, que é retextualizada para a escrita, favorecendo a construção de imagens poéticas, que a autora constrói a partir da voz do narrador, o qual incorpora uma postura dos contadores de histórias, ou seja, o ato de contar a estória como se fosse um *griot*, conforme é possível observarmos no seguinte trecho:

A desgraça penetrou em Mananga. Já se ouvem rumores da guerra em Macuácuá, mas ultimamente os roquetes de bazucas e rajadas de metralhadoras aproximam-se de Alto Changane. Já se ouvem notícias de camponeses mortos e capturados. O momento é de dificuldades. Quem escapa da fome não escapa da guerra; quem escapa da guerra é ameaçado pela fome. Os jovens arrumam a trouxa e partem. Os velhos, as mulheres e as crianças ficam (CHIZIANE, 1999, p. 58).

Em meio aos elementos da fome, da seca e da proximidade da guerra, o povo de Mananga se vê imerso em um estado de desespero, dor e luto, mas começam a ter esperança e a lutarem por soluções que os libertem de sua atual conjuntura. Dessa forma, maramos a primeira parte do romance pela jornada de soluções, pois o sofrimento se torna um catalizador, como pontua o narrador:

É ambicioso, ocioso e solitário. O ódio e a vingança acasalaram-se dentro dele e escolheram o ninho do lado esquerdo do coração que se desequilibra para o ponto negativo. A terra é uma roda que gira, ele sabe disso, mas a vida só tem interesse quando a bola da vida gira no centro do nosso mundo (CHIZIANE, 1999, p. 63).

Dessa maneira, a narrativa de Chiziane enuncia uma constelação de imagens, as quais representam os aspectos ora narrativos ora ecocríticos. Um deles é a imagem simbólica, atribuída à ação dos ventos que, no romance *corpus* desta pesquisa, produzem metaforicamente a mudança de percursos tanto do enredo, como também das personagens, pois “Sopram ventos de novas mudanças e tudo voltará a ser como antes. Num discurso bastante efusivo, Sianga transmite aos seus companheiros os últimos acontecimentos” (CHIZIANE, 1999, p. 49).

De acordo com os simbologistas Chevalier e Gheerbrant (2002, p. 935), a imagem simbólica do vento representa “[...] vários aspectos. Devido à agitação que o caracteriza, é um

símbolo de vaidade, de instabilidade, de inconstância. É uma força elementar, que pertence aos Titãs, o que identifica a sua violência e a sua cegueira”.

Nessa medida, vemos que o símbolo carrega em si simbolizante e simbolizado. E que o símbolo não é arbitrário, pois está ligado a cultura e vivências de determinada sociedade. Assim, “Os símbolos são esquemas de ações intencionais, produzidas nas interações entre os homens em dada situação social ou no interior do texto de um discurso” (LAPLANTINE & TRINDADE, 1997, p. 19).

Outro elemento importante para o imaginário é a imagem. As imagens são construídas a partir de experiências visuais e informações anteriores. Para Laplantine e Trindade (1997), as imagens são criadas como parte do ato de apenas e se constituem a partir de como vemos as coisas ao nosso redor. Para tais autores, o símbolo se sobrepõe a imagem, pois

Enquanto a imagem está mais diretamente identificada ao seu objeto referente – embora não seja sua reprodução, mas a representação do objeto –, o símbolo ultrapassa o seu referente e contém, através de seus estímulos afetivos, meios para agir, mobilizar os homens e atuar segundo suas próprias regras normativas (LAPLANTINE & TRINDADE, 1997, p. 13).

Nesse contexto, o imaginário emerge do inconsciente universal e a imagem é produto e produtora do imaginário, pois, mesmo sendo individuais, ou seja, a imagem que uma pessoa tem sobre um objeto e/ou pessoa não é a mesma que outra pessoa tem sobre o mesmo objeto ou pessoa, visto que está carregada de sentidos afetivos universais ou arquétipos ligados à estrutura do inconsciente. Para tanto, a imagem simbólica do vento sopra:

Do Sul sopra um vento forte, caminhando para norte. Fere os cotos dos ramos fazendo-os sibilar. A noite é musicada, triste. As folhas caem com violência como grossas bâtegas de chuva açoitando as cabeças desprotegidas dos escondidos. Quebrou-se a monotonia, a noite é diferente. O canto das aves noctivagas é um pio de arrepio, o bater das asas é de alarme e os voos são múltiplos. O ganir dos cães é violentíssimo, nem com a presença dos fantasmas ganem assim. As corujas aguardam com impaciência o fluxo do sangue e o banquete dos corpos dos homens abandonados à sorte na tristeza das savanas (CHIZIANE, 1999, p. 116).

Interpretamos, na narrativa supracitada, que o elemento simbólico do Vento é dotado de uma força vital, que direciona o fluxo da narrativa, representando a natureza. A obra possui uma visão ecocrítica, na qual tudo tem vida e, nesse contexto, é possível identificarmos a imagem simbólica do vento como uma força ativa no romance.

Os ventos de mudança, na sociedade moçambicana, no contexto pós-independência, sopram por meio da obra de Paulina Chiziane, pois trazem novos temas relativos ao lugar que a

mulher ocupa em sociedade e às opressões sofridas por elas em sua tessitura poética. Chiziane e a sua obra surgem, assim, num contexto em que as mulheres não tinham participação ativa e/ou muitas oportunidades para publicarem as suas obras, pois predominavam as vozes masculinas nas narrativas literárias, produzidas em Moçambique.

A narrativa de *Ventos do apocalipse* está entrelaçada com o âmbito social e representa o contexto moçambicano sob diversos aspectos, tais como: a organização social, a dependência da terra, a pobreza, as disputas/desavenças étnicas, provocadas pela junção de sujeitos de tribos diferentes em um mesmo local, questões de gênero, entre outras. Assim, tais aspectos podem ser observados a seguir:

A chegada dessas pessoas de Macuácuá é uma agressão, uma invasão, e causa revolta em todos os habitantes de Mananga. A recepção é hostil e as atitudes fratricidas. O nosso povo sente o desejo louco de defender o território à força de ferro mas as autoridades impõem-se, malditas autoridades. Deixaram esses forasteiros fixar-se no nosso solo, nesta terra tão pobre e tão seca [...] A nossa terra está pobre não tem alimentos para dar aos habitantes, como é que vai poder sustentar estes medicas que nem conhecem a lição da gratidão? (CHIZIANE, 1999, p. 109).

Na citação acima, verificamos como uma questão étnica é apresentada ao leitor por meio da revolta da narradora ao presenciar a chegada de pessoas vindas de Macuácuá a sua terra. É importante notarmos a relação que se estabelece com a terra, principalmente no que concerne à descrição que lhe é realizada e os adjetivos escolhidos: “tão pobre e tão seca”, “a nossa terra está pobre” e “não tem alimento para dar aos habitantes”. Diante da escolha lexical exposta, observamos que a terra é apresentada com características femininas. A mãe-terra, metáfora que representa a relação entre o humano e o meio ambiente físico, constitui-se, assim, como uma forma de conceituar o elo entre o povo de Macuácuá e Mananga com a terra.

À luz da psicanálise junguiana, Neumann (2006, p. 33) afirma que o surgimento desses aspectos pode ser observado ao longo da história da humanidade, desde os cultos primitivos à deusa mãe-natureza ou a Grande Deusa. Dito isso, o arquétipo da Grande Mãe assume três formas, que podem ser assim manifestadas: 1) a Mãe Bondosa; 2) a Mãe Terrível; 3) a Mãe Bondosa-Má. Esta última “permite a união de atributos positivos e negativos”. Podemos interpretar, portanto, que em o *Vento do Apocalipse* (1999), de Paulina Chiziane, a terra representa a deusa, que é representada e simbolizada pelo arquétipo da Mãe Bondosa-Má, conforme argumenta Campbell (1990). Dessa maneira, o feminino representa o que

[...] chamamos de formas da sensibilidade. Ela é espaço e tempo, e o mistério para além dela é o mistério para além de todos os pares opostos. Assim, não é masculina nem feminina. Nem é nem deixa de ser. Mas tudo está dentro dela, de modo que os deuses são seus filhos. Tudo quanto você vê, tudo aquilo em que possa pensar, é produto da Deusa (CAMPBELL, 1990, p. 177).

Nos textos de Chiziane (1999), a narradora nos expõe a necessidade de gratidão que o povo de Macuácuva não possui, ao contrário do de Mananga. Isso nos faz repensar o paralelo estabelecido entre a mulher e a terra, pelo qual compreendemos como as duas são socialmente convencionadas a saciar as necessidades dos indivíduos, de lhes dar comida, de ser fértil, como um grande ventre.

Contudo, vemos que essa grande mãe se encontra fraca, estéril e exaurida, pois não há como dar mais frutos aos seus filhos. Pobre e seca, em relação ao contexto patriarcal da sociedade moçambicana, observamos que essa pobreza não se limita a terra, haja vista que se estende às mulheres dessas aldeias. Logo, ao apreendermos essa relação entre o feminino e o ambiente natural, destacamos que

Uma perspectiva ecofeminista apresenta a necessidade de uma nova cosmologia que reconhece que a vida na natureza (incluindo os seres humanos) mantém-se por meio da cooperação, cuidado e amor mútuos. Somente deste modo estaremos habilitados a respeitar e a preservar a diversidade de todas as formas de vida, bem como das suas expressões culturais, como fontes verdadeiras do nosso bem estar e felicidade. Para alcançar este fim, as ecofeministas utilizam metáforas como 're-tecer o mundo', 'curar as feridas', religar e interligar a 'teia' (MIES; SHIVA, 1993, p. 15).

Em concordância com Mies e Shiva (1993), é fundamental que o ser humano estabeleça um relacionamento de cooperação e cuidados mútuos com a natureza para a sua sobrevivência enquanto ainda há tempo de "curar as feridas" ou de "re-tecer o mundo", pois, assim como as mulheres são exploradas, oprimidas e subjugadas à figura masculina, a terra também o é. Tal relação, resultante da colonização, naturalizou entre os povos autóctones o pensamento androcêntrico, falocêntrico, machista e patriarcal europeu, que outremiza e subalterniza a mulher, fato que é aprofundado quando analisamos o lugar da mulher negra em sociedade.

Assim como Mananga está sob o controle de um administrador que não se preocupa com a situação da aldeia nem de seu povo, apenas com a manutenção de seu controle – "mas as autoridades impõem-se, malditas autoridades" –, notamos novamente a presença da metáfora colonial que situa em um polo o masculino representado pela autoridade colonial enquanto sujeito metropolitano e, no outro polo, o feminino que se configura pela colônia que é o sujeito colonial. Desse modo, nas malhas do poder, encontramos a metrópole como configuração

masculina – sujeito hegemônico – que oprime e espolia a colônia como constituição feminina – sujeito subjugado.

Mediante a este contexto, faz o leitor emergir na leitura, já definindo o sujeito hegemônico, como a materialização do discurso do poder no romance *Paulina Chiziane*; por essa perspectiva, ressalta-se que

Foucault nunca trata do poder como uma entidade coerente, unitária e estável, mas de relações de Poder, que supõem condições históricas de emergência complexas e que explicam efeitos múltiplos, compreendidos fora do que a análise filosófica identifica tradicionalmente como o campo do poder [...] em nenhum caso trata-se de descrever um princípio do poder, mas um agenciamento ao qual se cruzam as práticas, os saberes e as instituições (REVEL, 2005, p., 67).

Portanto, podemos interpretar que, para haver uma clara compreensão do termo “*Poder*”, é necessária, em primeiro momento, uma análise das relações de poder, por intermédio das pequenas relações, sendo os micros relações, as responsáveis pela distribuição do poder na sociedade; assim, podemos divisar a relação de poder de que oprime e espolia a colônia como constituição feminina – sujeito subjugado; desta forma, aqueles que não têm o poder, se submetem e se deixam dominar por aqueles que o têm.

É relevante ressaltar que a mulher negra se constitui como um sujeito duplamente colonizado, uma vez que é subalternizada pelo colonizador e pelos homens de seu próprio povo. Podemos presenciar essa dupla colonização várias vezes ao longo da narrativa, contudo, é marcante quando o marido da narradora a culpa pelas desventuras causadas pela quantidade de filhos aos quais ela dá à luz:

O homem resmungava sempre, descarregando a fúria sobre a pobre companheira, mulher, toda culpa está contigo, habituaste as crianças a comer demasiado, e o milho acabou depressa; mulher, tu pariste tantos gatos, agora a comida é pouca e não chega para tantas bocas, enche mais o meu prato, sou o chefe da família preciso de comer mais para resistir e ter força para procurar alimentos por aí, mas ah, mulher, se não fosse a responsabilidade que tenho para contigo e as crianças, eu sairia deste inferno à procura de outros mundos, toda culpa está contigo, ah, mulher! (CHIZIANE, 1999, p. 17).

Testemunhamos, acima, como a mulher é tida como culpada por todas as desventuras pelo marido. Toda a sua fúria, conforme diz a narradora, é descarregada na esposa que é considerada como inferior e um peso, junto aos filhos, a ser carregado pelo homem. Além disso, o caráter patriarcal do seu discurso também reverbera quando este afirma que, por ser o chefe da família, tem o direito de ter o prato mais cheio. Por outro lado, enquanto elo fraco nessa relação, a mulher é símbolo de erros, pois tem muitos filhos, pelo fato da comida ter acabado de pressa e terem acostumado os filhos a comer muito.

Assim, em uma relação hierárquica, androcêntrica, violenta, opressora e excludente, a mulher é subalternizada também no casamento; seja a partir do *lobolo* até às obrigações que ela possui no casamento, em que a mulher é desvozeada e explorada para satisfazer os desejos e vontades do companheiro. Contudo, quando ela não o agrada, resta-lhe apenas receber as descargas de violência. Destarte, na relação familiar dicotômica masculino/feminino, compreendemos que “a ligação que certas mulheres (especialmente a dos países chamados em desenvolvimento) sentem com a natureza tem origem em suas responsabilidades de gênero na economia familiar” (KING, 1989, p. 25). Tal fato pode ser observado no prólogo de *Ventos do apocalipse* em “O marido cruel”:

Um dia seguiu-o e, quando chegou perto, subiu a uma árvore para ver melhor e descobriu o marido sugando o mel. Ela regressou amargurada e nada disse. Depois de muito sofrimento as chuvas voltaram a cair e os campos ficaram verdes de novo. Quando chegou a altura da colheita, a mulher preparou uma festa e convidou os familiares. Estando todos reunidos debaixo da sombra, ela condenou a atitude criminosa do marido em voz alta e disse:
— Homem que mata, jamais merecerá o meu perdão.
Arrumou todos os seus pertences, pegou nos filhos e abandonou o marido cruel para todo o sempre (CHIZIANE, 1999, p. 17).

Na citação acima, observamos que o homem se constitui como um explorador do feminino-natureza. Mesmo sabendo que a mulher e os filhos têm fome, ele prefere consumir o mel sozinho. Desse modo, para retirar a culpa de si, resultante de seu egoísmo, ele constrói narrativas que condenam e aprisionam o feminino tais quais as que pudemos verificar anteriormente, quando ele coloca sobre a mulher a culpa pela escassez de alimentos.

Diante da opressão sofrida, a mulher decide, ao final conto, se libertar do jugo sob o qual vivia. Enquanto leitores, observamos que o vento muda de direção e o ciclo da vida da mulher, juntamente com os seus filhos, terá um novo começo a partir da decisão que ela toma. Enquanto mulher e mãe, ela segue com os filhos os quais terá que criar, pois assim como a terra terá que ser fértil e frutificar pela sobrevivência de sua prole. Seguindo com a relação mulher-natureza, verificamos, no desejo de chegar ao Monte, que:

[...] a vida é bela do lado de lá. Dizem que o céu é mais azul e as nuvens verdadeiras. Do lado de lá, a floresta é pasto, come-se pão de qualquer bananeira, de qualquer papaeira. Dizem que cada arbusto é fonte, bebe-se seiva da palma, de cana e de caju. Do lado de lá há sorrisos e risos e os cansaços repousam no regaço de terra, dizem (CHIZIANE, 1999, p.147).

Na caminhada para chegar ao Monte, observa-se que o desejo do povo de Mananga é encontrar-se com a natureza e com o que ela tem a lhes oferecer. Embora a figura da mulher

seja diminuída e outremizada pela estrutura conceitual patriarcal da sociedade, os indivíduos continuam necessitados da natureza. Por mais que se subalternize e explore a mulher e o meio-ambiente físico, estes dois elementos permanecem como fundamentais para a sobrevivência e subsistência humana. Há, portanto, a necessidade expressa pela metáfora ecofeministas, conforme ressaltam Mies e Shiva (1993, p. 15) quando apontam que é necessário “re-tecer o mundo’, ‘curar as feridas’, religar e interligar a ‘teia’”.

É nesse re-tecer e curar as feridas que no Monte é revivido o sentimento de gratidão pelo que a natureza, ainda não oprimida pela mão do homem, oferece aos indivíduos a partir da criação de uma nova consciência em que verificamos o religar e o interligar a teia, pois “não se cansam de agradecer aos deuses, aos defuntos e ao Deus de todos os deuses pela fartura da colheita. Se não fosse o problema da guerra, produziriam não só para sobreviver mas também para render” (CHIZIANE, 1999, p. 262). Observamos, assim, que eles buscam viver em harmonia, contudo a natureza continua como uma grande mãe ao oferecer uma colheita farta e o homem continua a tirar proveito dela em benefício próprio.

Considerações finais

A partir das considerações acerca da ecocrítica, pudemos observar como a construção social do feminino está interligada à natureza, bem como as práticas de exploração promovidas pela figura masculina como forma de controlá-las e dominá-las. Desse modo, os estudos ecocríticos, vinculados aos estudos culturais, auxiliam o leitor e o pesquisador a questionar as construções hierárquicas enquanto práticas culturais.

Tendo em vista essas considerações, pudemos verificar na obra *Ventos do apocalipse*, da romancista moçambicana Paulina Chiziane, como o elo mulher-natureza estão unidos pelas construções sociais e sofrem com o discurso e o exercício do poder patriarcal que controla, explora, domina, subjuga, outremiza e subalterniza os seus corpos/espacos. Assim, como operação que traz em sua constituição fatos que compõem a sociedade moçambicana, compreendemos como o processo de formação da nação moçambicana é apresentado por Chiziane a partir das vivências de suas personagens.

Retratando os horrores da guerra civil de seu país, Paulina Chiziane traz provérbios e contos na tecitura do romance, o que remete à tradição oral da literatura, que contam as dores e

dificuldades do povo moçambicano. Ao mesmo tempo, direta ou indiretamente, a mulher está ligada à natureza, sendo esta uma constante em sua obra. Observamos que, em meio às mudanças dos ventos e as intempéries da vida, a mulher segue e institui-se como veículo, junto ao meio natural, para questionar o discurso europeu.

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: CAPES – Código de Financiamento 001
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável
Contribuições dos autores: Conceitualização, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: VASCONCELOS, Clara Mayara de Almeida. Conceitualização, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: BRAZ, Rafael Francisco.

Referências

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é feminismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. S. Covid 19 e educação: resistências, desafios e (im)possibilidades. *Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade*, v. 2, p. 01-11, 10 maio 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8480>>. Acessado em 03 Ago de 2021, às 23:56.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Palas Athenas, São Paulo: 1990.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- CHIZIANE, Paulina. *Ventos do Apocalipse*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- _____. Eu, mulher, por uma nova visão de mundo. In: AFONSO, Ana Elisa de (org.) *Eu mulher em Moçambique*. Moçambique: Unesco e Aemo, 1992.
- DEEGAN, Mary Jo; PODESCHI, Christopher W. The ecofeminist pragmatism of Charlotte Perkins Gilman. In: *Environmental Ethics*, v. 23, n. 1, p. 19-36, 2001.
- G1-São Paulo. *Casos de coronavírus no Brasil em 31 de março - Notícia do 31/03/2020 06h08* Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/31/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-31-de-marco.ghtml>>. Acessado em 03 Ago de 2021, às 22:26.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora UNB, 2006.

GLOTFELTY, Cheryl; FROMM, Harold (ed). *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens: University of Georgia Press, 1996.

GUATARI, Félix. *Práticas ecosóficas e restauração da cidade subjetiva*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

KING, Ynestra. The Ecology of Feminism and the Feminism of Ecology. In: *PLANT*, Judith (Ed.) *Healing the Wounds: the promise of Ecofeminis*. Londres: Green Print, 1989, p.18-28.

KUHNEN, Tânia Aparecida. Conservação da natureza e manutenção do patriarcado: apontamentos ecofeministas. In. FERRI, Caroline; CAMARDELO, Ana Maria Paim; OLIVEIRA, Mara de. (Org.). *Mulheres, desigualdade e meio ambiente*. Caxias do Sul: EducS, 2017.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. *Ecofeminismo*. Tradução Fernando Dias Antunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

PLUMWOOD, Val. *Feminism and the mastery of nature*. Londres: Routledge, 1993.

REVEL, Judith. *Foucault – Conceitos essenciais*. Editora: Clara Luz; 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Three Women's Text and a Critique of Imperialism*. *Critical Inquiry*, n.12, p.243. 1985.